

ANALISANDO AS LINGUAGENS E DISCURSOS SEXISTAS NO AMBIENTE ESCOLAR

Maria Gorete Olímpio dos Santos

Escolas do Ensino Infantil e Fundamental II, CAIC, e Cândido Regis de Brito. anaguiaturismo@yahoo.com.br

RESUMO

O objetivo geral é analisar e discutir como meninas e meninos são tratados/as no ambiente escolar. Para tanto, definimos os seguintes objetivos específicos: identificar se os discursos que circulam na escola contribuem para a “naturalização” da linguagem sexista, reconhecendo aqueles que podem provocar sofrimentos, traumas e competições entre os alunos e alunas; discutir a postura da escola frente aos preconceitos de gêneros e a linguagem sexista; e apontar estratégias que venham garantir a equidade e o respeito às individualidades de cada pessoa. Para essa feitura, dialogamos com Louro (2008), Andrade (f/d), Silva (f/d). O caminho metodológico que percorremos foram os seguintes: pensar como se constroem ou são reproduzidos os possíveis discursos sexistas na escola e, em seguida, aplicamos o questionário em sala para então analisarmos como os discentes lidam com essas construções. Os resultados da pesquisa revelam que meninos e meninas vivem em espaços diferenciados e constituídos de acordo com a definição do gênero. Verificamos também durante a pesquisa, que os discursos acerca do gênero feminino e masculino as linguagem sexista existem na escola, dividindo espaços, inferiorizando, meninas que querem direitos iguais. Inferiorizam também os meninos que rompem com os padrões masculinos, estabelecidos como verdades, como exemplo; um menino ter comportamento semelhante ao de uma menina, Neste sentido, o gênero, masculino também vai sofrer traumas relacionado ao gênero. No decorrer da pesquisa percebemos como os gêneros guerreiam no espaço escolar, tentando conviver, porém, convivem em constantes conflitos, por permanência e rupturas de discursos.

Palavras-chave: Gênero, Linguagem, Discurso, Sexíssimo, Escola.

1 INTRODUÇÃO

A linguagem é vista como algo natural pronta e acabada, a linguagem é produzida como se fosse universal e imutável. Nesse, sentido surge a preocupação de como a linguagem e os discursos influenciam o cotidiano das pessoas em específico no estudo abordando os gêneros feminino e masculino.

Percebemos como o mundo, embora considerado “pós-moderno”, ainda é extremamente um mundo dividido, entre os gêneros femininos e masculinos. Especificamente quando se trata da sociedade brasileira. Neste contexto, destacamos o espaço escolar como uma das instituições que, de forma sutil, mescla e reproduz as linguagens sexistas. Fazendo crer que seria o sexo biológico o

definidor dos gêneros, dos comportamentos e dos desejos dos indivíduos, Silva (2014), ancorada em seu referencial teórico menciona em seu texto que

Tais aprendizagens, difundidas por essa instância social, baseiam-se em uma concepção binária de gênero, que consiste em modos de ser masculinos e de ser femininos, em que comportamentos são social e culturalmente compreendidos como ‘naturais’ (SILVA, 2014, p. 1).

Assim, cada sujeito, dentro dessa construção de gênero, tem seus espaços definidos e limitados conforme seu sexo. Porém, essa construção de gênero não impossibilita a reflexão sobre seu espaço social. Desta forma, as brincadeiras, os comportamentos, vestimentas, trabalhos, são elementos representativos e simbólicos que constituem cada gênero dentro do seu espaço específico. A escola quer educar, porém na questão de gênero, deseduca. Além do processo de deseducação, esta, estabelece padrões e modelos para serem seguidos através da linguagem e discursos.

As línguas não se limitam a ser um simples espelho que nos devolve a realidade de nosso rosto: como qualquer outro modelo idealizado, como qualquer outra invenção cultural, as línguas podem nos levar a moldar a nossa percepção do mundo e inclusive que nossa atuação se oriente de uma determinada maneira (CALERO, 2002, p. 7 apud FRANCO; CERVERA, 2014, p. 9).

A partir dessas discussões, é importante discutir o conceito de gênero que também é construído e pensado a partir da linguagem. Lizia Machado (1998), por exemplo, em seu artigo intitulado “gênero um novo paradigma” discute que o estudo de gênero indicou um rompimento com a noção biológica do sexo, ou seja, não é porque se nasce biologicamente fêmea que iremos nos identificar com o discurso voltado para o feminino. Isso significa dizer que não há substancialidade das categorias de mulher e homem ou de feminino e masculino. Antes as questões giravam em torno, por exemplo, das relações entre sexo biológico e da construção da categoria social da mulher. Atualmente, as questões são de outra ordem, ou seja, a construção de gênero se faz arbitrariamente em relação à diferenciação dos sexos de homens e mulheres, ou seja, não existe “a mulher”, não existe “o homem”, enquanto categorias sociais.

Assim, o gênero seria a análise de como, em diversas sociedades, um dado grupo dá significação ao feminino e ao masculino, elegendo o particular para a explicação das diferenças sexuais.

A partir desse reconhecimento também é possível desconstruir e pensar outras possibilidades. Essa discussão permitiu que as escolas fossem identificadas enquanto instituições

produtoras de discursos e, conseqüentemente, de uma determinada leitura para os gêneros feminino e masculino. Esses conceitos são importantes e só foram possíveis graças aos estudos intitulados na discussão pós-estruturalista e do campo da linguagem.

Observa – se, então, que o ambiente escolar não é diferente das demais instâncias da sociedade. A violência de gênero acontece de forma sutil e mesclada com discursos carregados de boas intenções através de “ações pedagógicas” com a finalidade de educar e disciplinar os/as discentes, por isso considerada positiva, mas, ao mesmo tempo, essas ações excluem um dos gêneros e exaltam outro. Segundo Foucault (1972), a linguagem e o discurso de um acontecimento permanecem muito mais tempo do que se pode imaginar. Segundo o mesmo autor, o discurso é tão forte que ultrapassa as práticas, pois o discurso fica no imaginário como verdade única e absoluta. Em seu texto, Foucault (1972) destaca como o discurso torna o irreal, real através das imagens discursivas.

Segundo Silva (2014), meninas e meninos além de aprenderem os conteúdos escolares aprendem os “seus” lugares na sociedade e na cultura, pois, os livros didáticos não contam as histórias de mulheres, apenas destacam o gênero masculino.

Assim, a escola está longe de ser um lugar neutro, ao contrário, é um espaço permeado por interesses e relações de poder. Longe de ser o lugar que promove a igualdade e equidade, a escola, também, produz e reforça as desigualdades sociais, seja através do seu currículo oculto ou, até mesmo, em sua grade curricular, que excluem alguns conteúdos em prol do outro, negligenciando personagens e acontecimentos que falam, por exemplo, das mulheres, idosos, crianças, negros, homossexualidade e diferentes. Foi pensando nessas questões atreladas à nossa experiência com o ensino infantil, em uma escola na cidade de Alagoa Grande – Paraíba, começamos a pensar a proposta da pesquisa. Para amadurecer nosso pensamento e compreender a problemática, decidimos verificar e tomar por referência alunos do ensino fundamental II.

Queríamos saber quais os caminhos e motivações faziam aqueles adolescentes e jovens terem uma visão sobre o outro e sobre si, de forma tão determinista, e em que medida a escola afirma certos discursos sociais, bem como a linguagem sexista forja os sujeitos masculinos e femininos. Para identificarmos e tentarmos compreender a problemática, elaboramos um questionário com perguntas estruturadas e o aplicamos em duas turmas de duas escolas públicas, na cidade de Alagoa Grande, Paraíba, e à luz do referencial teórico escolhido, foram analisados os manuais de linguagens sexistas e não sexistas, Caldas-Coulthard (2008), Foucault (1972), Pêcheux (2012), Orlandi (2012), entre outros artigos e textos estudados durante o curso.

O presente artigo está estruturado da seguinte forma: resumo, introdução, abordagem teórica e metodológica, resultado das discussões, considerações finais e as referências bibliográficas.

2 METODOLOGIA

De início, iremos estudar como se deu a construção da linguagem sexista e discursos, bem como esses influenciaram, direta e indiretamente, na definição de espaços para meninas e meninos. Quais foram os discursos e símbolos utilizados para simbolizar meninos e meninas como, por exemplo, a cor rosa simbolizando as meninas e o azul representando os meninos. Assim, a cor rosa representa a fragilidade da menina, bem como seu lugar social em um espaço privado. Enquanto o azul representa a masculinidade, força, determinação e virilidade dos meninos. Esses símbolos foram de extrema importância para fundamentar a linguagem sexista e discursos no ambiente escolar, visto que a escola se apropria e concebe fundamentação para construir sua metodologia didática pedagógica para se trabalhar no decorrer do ano letivo.

Dentre outras formas utilizadas no ambiente escolar para forjar o ser menino/menina e determinar os espaços e diferenças biológicas entre os gêneros, há as brincadeiras que perpassam a linguagem para a prática, determinando, forjando e concedendo maior visibilidade a um mundo constituído por símbolos e representações que concebem diferenciação entre os meninos e meninas. Essas ferramentas ainda são utilizadas para determinar os espaços, bem como os gêneros, a exemplo dos jogos esportivos que acontecem durante o ano letivo no ambiente escolar. Podemos observar como os Jogos Olímpicos são organizados em torno dos meninos e para os meninos. E, os discursos para justificar, está na biologia

Neste aspecto, queremos compreender como se concebem e são constituídos a linguagem sexista e os papéis das meninas e meninos e como se relacionam no cotidiano escolar. A respeito dessa questão, o texto da autora Belotti (1985) destaca como se constroem os espaços e papéis para meninas e meninos.

Ao valer-se de pesquisas, Belotti (1985) apresenta algumas das representações acerca de masculinidades e feminilidades que figuram no imaginário social. Nesse social, poderemos também incluir o ambiente escolar. Tais representações orientam nossas formas de pensar e de perceber o mundo. Vejamos neste quadro comparativo, baseado na obra de Belotti (1985), o que é tradicionalmente esperado de meninos e meninas na linguagem e discursos sexistas.

Meninos são barulhentos, dinâmicos e agressivos. Meninas apáticas, tranquilas, dóceis e servis. Os meninos são indisciplinados e desobedientes. As meninas são disciplinadas e obedientes. Os meninos são negligentes, não são aplicados. As meninas metódicas e cuidadosas são perseverantes e escrevem devagar. Os meninos são desarrumados e sujos. As meninas são arrumadas, conservam-se limpinhas e asseadas autônomas. Os meninos não dependem, com constância, de afeto, aprovação e auxílio. As meninas dependentes do conceito da professora pedem aprovação e ajuda com frequência. Os meninos são Seguros, não choram com facilidade. As meninas são Choronas e emotivas. Os meninos Solidários com outros do mesmo sexo e com aguçado senso de amizade. As meninas são Fracas de caráter e pouco solidárias com as colegas (BELOTTI, 1985, p. 16).

Nesta perspectiva, a linguagem sexista e os discursos estabelecem os papéis femininos e masculinos. Assim, os indivíduos sujeitos a esse discurso são tratados de forma diferenciada na família, na escola e na sociedade, causando sofrimentos, trauma psicológico e sensações de inferioridade, principalmente quando tange ao gênero feminino.

Assim, todas essas questões nos impulsionaram a realização desta pesquisa. Além das observações realizadas em sala de aula nos meses de julho/agosto de 2014, elaboramos um questionário direcionado, ou seja, propomos questões que suscitasse a opinião dos entrevistados sobre situações em que geralmente são cobrados comportamentos distintos para homens e mulheres. O questionário foi de caráter qualitativo, destacando que os nomes utilizados na pesquisa são nomes fictícios para não expor a identidade dos discentes. Depois de registradas as observações e a análise dos questionários, debruçamo-nos sobre esses documentos para discutir como, na escola em questão, esses discursos estavam sendo compartilhados.

Segundo o manual de linguagem não sexista, a escola é um importante espaço para socialização dos sujeitos e de vivência e diversidade com suas peculiaridade e diferenças, porém, na prática, não é bem assim que acontece.

Por conseguinte, a escola segue reproduzindo estereótipos e reforçando a construção dos modelos que a sociedade compreende como padrão. Com base em tal entendimento, a escola não problematiza as linguagens e os discursos sexistas preconceituosos, seja entre os discentes, docentes e familiares.

Neste estudo nos interessava pensar além dessa constatação evidente, queríamos entender como se dá esse processo de interferência, ou seja, como esses indivíduos se percebem em meio a esses discursos e como também os subvertem, pois presenciemos também comportamento de contestação no fundamental II. Nesta fase, as meninas questionam os padrões, modelos tipos de comportamentos associados tanto ao gênero feminino como ao masculino. O lugar institucional da

escola como produtora desses lugares e das relações de gênero pautadas no binarismo já foi analisado por diversos pesquisadores, mas queríamos saber como os alunos percebem isso, se em suas falas eles reconhecem a escola dessa forma, ou até mesmo, como eles driblam, se reapropriam desses discursos quase sempre opressores; enfim, que "não lugar" eles estão construindo.

As escolas que participaram da pesquisa foram CAIC e Cândido Régis de Brito, localizadas na comunidade de Zumbi, cidade de Alagoa Grande, Paraíba. Escolhemos as turmas do 9º ano por se tratar de alunos e alunas que são mais participativos/as. Outra questão relevante na escolha das turmas foi por se tratar de turmas com alunos e alunas com uma idade superior a 13 anos. As turmas foram organizadas da seguinte forma: escolhemos 20 discentes, sendo dez meninas e dez meninos. O questionário foi aplicado em dias diferentes, pois foram escolas diferentes. Interessante apontar que essa comunidade em questão abriga, em seu espaço territorial, uma comunidade quilombola. Certamente circulam nesse espaço discursos acerca da diversidade e do respeito às diferenças. Após o processo de análise dos dados, vamos sistematizá-los com a literatura de Couto (2007) principalmente em seu texto, **violência e representações de gênero no cotidiano escolar**. Couto (2007) discute a violência escolar e as suas várias facetas e elementos de representações e símbolos que, muitas das vezes, não são considerados como violência, pois esses possuem nova roupagem, elemento representativo. Ainda segundo a autora, a violência na escola é exercida principalmente pelos meninos.

Percebe-se que, frequentemente, essa violência é dirigida às meninas. Por terem sido, culturalmente, representadas como frágeis, tornam-se alvo preferenciais dos meninos que agredem utilizando os diversos tipos de linguagens da violência, desde as ameaças até socos e tapas. Em geral, as meninas são tratadas com pouco respeito, de modo jocoso, por meio de apelidos e palavras grosseiras de cunho sexual (COUTO, 2007, p. 208).

Nesta perspectiva, os meninos em sua maioria são os agressores e causadores da violência nas escolas, sejam tais agressões de qualquer natureza (psicológica, física, de gênero e muitas outras), vistas como normais no ambiente escolar. Os meninos/rapazes/homens acabam se aproveitando da naturalização dos discursos e da linguagem sexista no meio em que estão inseridos e essas acabam sendo algo culturalmente construído. Essa violência é mantida por uma rede de falas e comportamentos que se baseiam em uma suposta verdade sobre os gêneros. A discussão acerca dos discursos nos possibilitará entender melhor. Orlandi (2012) relata em seu texto,

O que funciona numa sociedade, na perspectiva da linguagem, não é a coisa, mas os efeitos imaginários que ela produz. Não é porque uma mulher leu um artigo x que ela vai ser assim ou assado; é o modo como ela se relaciona com esse artigo, na

sua história, que vai determinar sua prática, e isso não é verificável empiricamente, num lugar x específico. Isso é produzido por um conjunto de relações de sentidos e de forças, mecanismos que funcionam até de forma dispersa e caótica. Os significados não caminham em linha reta. Eles saem da linha, se é que se pode dizer que eles tenham uma (ORLANDI, 2012, p. 12

Assim, a linguagem sexista e os discursos, para terem maior respaldo, precisam produzir efeitos imaginativos, logo após se relacionar com esses efeitos, que saem do campo imaginativo e se tornam práticas cotidianas. Neste sentido, esses efeitos imaginários e práticas se relacionam de forma a um complementar o outro. E assim a linguagem sexista e os discursos de gênero funcionam como “força e mecanismo” que controlam os sujeitos através das práticas. Desta forma, para a linguagem e os discursos serem reproduzidos e obterem maior resultado, a prática precisa de “relações de sentidos”. No entanto, estamos atentos para as subversões e o não lugar que fala Michel de Certeau (1980) em sua obra intitulada *A Invenção do Cotidiano*. Para o autor, existe sempre uma possibilidade dos mais fracos, em alguns momentos, subverterem a ordem, de aproveitarem os lugares deixados nos espaços.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Quanto à quantidade de discentes, essa totalizou vinte alunos, dez meninas e dez meninos com faixa etária entre 13 e 15 anos. As perguntas foram previamente escolhidas com o objetivo de saber o que pensavam a partir da descrição de algumas situações, como violência, homossexualidade, linguagem sexista e comportamentos. A escolha dessas temáticas permitiu uma maior desenvoltura dos alunos. Quando indagados acerca da existência da violência na escola e quais as suas formas, a participação de meninas e meninos foi diferenciada. Elas escreveram mais e justificaram as suas respostas. Eles ficaram um pouco perdidos e quase todos responderam que não existia violência na escola, pois acreditam que violência só existe quando há agressão física, sangramento, entre outros. Diferentemente dos meninos, as meninas parecem enxergar a violência. Vejamos a fala de um dos discentes.

Existe sim violência na escola, só que as violências são xingamento, arenga e apelidos, chamam nós de todos os nomes feios. Eu sei que é uma violência. Muitas vezes, quando eu era pequena eu chorava muito na escola por causa dos meninos. Agora eu falo mal também (Escola de Zumbi, Camila, 9º ano, 2015).

Nessa fala, a aluna reconhece que a violência existe para além do físico, mas percebemos que depois do sofrimento causado pela mesma, sem a intervenção da escola, a aluna resolveu revidar da mesma forma; infelizmente, esse é o caminho percorrido pela maioria das mulheres.

Quando perguntamos aos alunos e alunas se identificavam linguagens e discursos sexistas em sala de aula, por exemplo, na forma como professores/professoras cumprimentam e/ou se dirigem a meninas e meninos, vejamos o que respondeu uma aluna.

Na escola e na nossa sala existem sim linguagem e discursos sexistas, pois no geral os professores cumprimentam apenas os alunos, dizendo assim: boa tarde, aluno. E excluem as alunas, as meninas. Só os alunos são incluindo. Eu não sou aluno, sou aluna, então eles não me inclui (Aluna Dayane, 9º ano, Zumbi, 2015).

Durante as aulas de observação, identificamos que meninas e meninos guerreiam entre si em sala de aula. As meninas, por sua vez, vivem buscando o seu "não lugar" como diz Michel de Certeau (1980), questionando-se sempre a respeito dos seus lugares e comportamentos. Assim, as meninas se questionam acerca dos lugares e espaços construídos e determinados para elas que, muitas vezes, causam dor, traumas, frustrações e inferioridade em relação ao gênero masculino e um desconforto constante que marca uma relação de poder. Neste aspecto, a escola precisa primeiramente reconhecer que é uma instituição reprodutora de estereótipos, padrões e modelos construídos, reconstruídos e resinificados como verdades absolutas.

Outro ponto que nós chamamos a atenção no questionário foi a influência da religiosidade na formação de opinião, linguagens e discursos acerca de determinado assunto, como, por exemplo, a posição acerca da homossexualidade. Os evangélicos foram mais severos e responderam.

Eu acho um horror, homem nasceu pra mulher, e a mulher nasceu pra o homem. Deus criou assim. Quem fica com homem é bicha, não é homem é frutinha. E a mulher que fica com mulher é sapatona, eu acho feio horrroso, ridículo não tenho amigos assim, nem quero ter (Fábia, Eduardo, Carlos e José, CAIC, 2015).

Enquanto os discentes evangélicos responderam com uma linguagem e discursos contundentes, os católicos responderam de forma contrária, ressaltando que cada pessoa deve viver da forma que gosta; salvo alguns meninos. Nesta feitura, a linguagem sexista e os discursos mudam de acordo com a religião, da qual alunos e alunas fazem parte. Nesta linha de pensamento, a religião influencia sim na linguagem sexista e nos discursos preconceituosos.

Em outro momento do questionário, verificamos a guerra entre os sexos, pois as meninas querem fazer o mesmo que os meninos, porém não são vistas e discutidas de forma igual. Vejamos a resposta da pergunta que se referia à mobilidade para ir a festas.

De jeito nenhum professora, nós não podemos ir à festa e chegar tarde, porque já somos vistas como rapariga, se usamos roupas curtas somos vistas como amostradas, se chegamos tarde em casa nossos pais brigam com a gente, se namoramos, nossas mães brigam. E se for nosso irmão ninguém liga, ninguém briga tudo é natural (Alunas de Zumbi, 9º ano, 2015).

Em outro momento, os meninos se manifestaram e falaram que as meninas devem se privar, pois, engravidam. Vejamos.

Professora, as nossas mães e pais estão certo em não deixar as meninas saírem, pois, se elas saírem, o povo fala e elas podem até engravidar. E nós meninos não engravidam e o povo não fala da gente por isso nós podemos sair, chegar tarde, beber e arrumar mulher (Alunos de Zumbi, 9º ano, 2015).

Segundo a aluno, há uma preocupação com as meninas, pelo fato de engravidarem ou seja, a questão maternal aqui aparece como algo negativo, mas no relato masculino, o menino não reconhece que ele também tem essa responsabilidade.

Pensando ainda no questionário, houve uma questão que merece destaque. Quando perguntamos se a escola, professoras e professores falam, discutem acerca da problemática estudada na escola, os alunos e alunas deram respostas iguais. A escola nunca discutiu acerca de linguagens e discursos sexistas no ambiente educacional. Observe o que os discentes responderam:

A escola e professores nunca falaram com a gente sobre essas coisas, acho que isso não existe na escola, nem nunca vai existir. Eu nunca vi ou escutei essas coisas, nem vi ninguém sangrando na escola, não tem violência na escola (Alunas e alunos, 9º ano, CAIC e ZUMBI, 2015).

É importante salientar que alunos e alunas fazem confusão ao responder às questões. Esse embaraço mostra a falta de conhecimento acerca de saber identificar os vários tipos de violências. Podemos observar nos dados abaixo o que é corriqueiro e comum nos discursos de alunas e alunos, professores/as e na comunidade escolar.

Quadro 1 - Visões que a comunidade escolar tem das meninas e meninos

MENINAS	MENINOS
<ul style="list-style-type: none"> • Meninas não devem sair, apenas para a escola. • Meninas não podem namorar muito, pois ficam mal faladas. • Meninas não podem fazer tarefas de 	<ul style="list-style-type: none"> • Meninos podem sair e não são estudiosos. • Meninos podem namorar muito. • Meninos devem gritar, correr e serem inquietos.

<p>homem, nem jogos.</p> <ul style="list-style-type: none">• Menina tem de se aproximar das mães e meninas.• Meninas são cuidadosas, limpas e quietas.	<ul style="list-style-type: none">• Os meninos são garanhões e pegadores quando namoram muito.• Meninos não podem fazer tarefas que dizem ser de meninas.• Meninos são desajeitados.
---	--

Fonte: Pesquisa de campo realizada nas escolas de Zumbi e CAIC, na cidade de Alagoa Grande – PB, 2015.

Nesses discursos, o mais grave é a sua colaboração para perpetuar a reprodução de linguagens sexistas que hostilizam as diferenças e diversidades, sejam elas de qualquer natureza.

4 CONCLUSÃO

Observamos como os discentes e seus familiares e a própria escola determinam os espaços masculinos femininos, mesmo inconscientemente. No ensino infantil e fundamental II, linguagens e discursos sexistas estão predominantemente arraigados. Além disso, é nessa fase que a escola funciona ativamente na construção da identidade de gênero, reforçando toda a linguagem e discursos que as crianças, jovens e adolescentes trazem do espaço familiar e social; destarte, a escola reproduz e não reflete acerca dessa reprodução de linguagem e discursos sexistas.

No entanto, Montserrat Moreno (1999), em seu livro “Como se ensina a ser menina: o sexíssimo na escola” defende que a escola pode ensinar a pensar, a questionar, e com isso apontar para novas formas de interpretar o mundo e de organizá-lo. Isso nos indica que apesar de as falas dos alunos e alunas serem quase sempre negativas sobre como a escola trabalha as relações de gênero, existe uma possibilidade de mudar. É possível que a escola tome para si a tarefa de transformação desses comportamentos sociais. Percebendo essas falas e por meio da própria observação das turmas e, principalmente, do conteúdo de história, notamos que praticamente não existe uma preocupação de educar para a igualdade de gênero. Se os livros didáticos não abordam as mulheres, imaginam os discursos e linguagens.

A maioria das imagens de personagens representa, no entanto, homens realizando diversas ações: jogando, correndo, estudando, comendo ou exercendo profissões como médicos, arquitetos, astronautas, etc.,

consideradas frequentemente como masculinas, enquanto naquelas poucas, em que aparecem meninas e mulheres, estas estão, costurando, lavando, cozinhando ou realizando atividades “próprias de seu sexo” para que tudo permaneça na ordem (MORENO, 1999, p. 43).

Quando observamos os dados mencionados acima, podemos verificar o quanto as linguagens e os discursos sexistas são homogêneos e comuns em várias instituições, como exemplo, os discursos de alunos e alunas, professores/as e a comunidade escolar. Desta forma, podemos verificar que a escola é um espaço de continuidade e de ruptura, visto que a ruptura acontece de fora para dentro. Pois, o combate está vindo por parte dos discentes e não do interior da escola. Neste sentido, verificamos nos discursos das discentes do gênero feminino uma ruptura, enquanto nos discursos masculino, uma continuidade.

Neste contexto, precisamos elaborar um cronograma de ações com o objetivo de desconstruir as linguagens e os discursos que permeiam o ambiente escolar sobre a limitação das relações de gênero. Essas ações serão, em longo prazo, realizadas de forma gradual. O cronograma, por sua vez, contará com os 200 dias letivos do ano, porque entendemos que não basta uma semana ou um projeto para discutir essas questões. Mas, antes dessa ação direta com as turmas, seria importante uma formação com os professores da escola, pois essa não é uma ação que teria resultados sendo feita apenas por um professor; além disso, essas questões teriam que se fazerem presentes no PPP da escola. É importante também saber sobre o que tratam os documentos norteadores para o ensino no fundamental, atentando para as questões de gênero. Depois dessa etapa, as ações poderiam ser pensadas de forma interdisciplinar, propondo, assim, formas de atividades que possibilitassem um repensar dos alunos e alunas. A utilização de diversas linguagens e artefatos culturais comuns aos jovens e que ajudam a construir os discursos em torno dos gêneros poderia ser a primeira etapa, seguida de debates e mudanças estruturais na escola que fossem elencadas pelos próprios alunos e alunas. Nesse viés, o presente estudo busca dialogar com a comunidade escolar, famílias e sociedade, promovendo ações de combate e estratégias metodológica e pedagógica assim, debates e oficinas para tornar o ambiente escolar heterogêneo, diferente, diverso, porém, humano.

5 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BELOTTI, Elena Gianini. **Os jogos e as brincadeiras no Pátio**. In: **Educar para a submissão**. Petrópolis, Vozes, 1985.

- CAMPOS, Kátia Patrício Benevides. **Relações de gênero no cotidiano escolar**. Campina Grande: EDUFPG, 2009.
- CERTEAU, Michel de. **L'invention du quotidien**. Paris: Union Générales d'Éditions, 1980.
- COUTO, Maria Aparecida Souza. **Violências e representações de gênero no cotidiano escolar**. *Scientia plena*, v. 3, n. 5, p. 208-216, 2007 Disponível em: <<http://www.scientiaplena.org.br/sp/article/download/1207/623>>. Acesso em: 30 mar.2009.
- FOUCAULT, Michel. **História da loucura na Idade Clássica**. São Paulo: Perspectiva, 1972.
- FRANCO, Paki Venegas; CERVERA, Júlia Pérez. **Manual para o uso não sexista da linguagem: O que bem se diz... bem se entende**. Brasília: PROTECA/UNIFEM, 2014. Disponível em: <<http://www.observatoriodegenero.gov.br/menu/publicacoes/outros-artigos-e-publicacoes/manual-para-o-uso-nao-sexista-da-linguagem>>. Acesso em: 15 nov. 2015.
- MACHADO, Lia Zanotta. **Gênero, um novo paradigma?** *Cadernos Pagu*, n. 11, p. 107-125, 1998.
- MORENO, Montserrat. **Como se ensina a ser menina: o sexismo na escola**. São Paulo: Moderna, 1999.
- ORLANDI, Eni. **Discurso e leitura**. São Paulo: Cortez, 2012.
- PÊCHEUX, Michel. **Análise de discurso: textos selecionados**. 3. ed. Pontes Editoras: Campinas-SP, 2012.
- SILVA, Fernanda Cavalcante. **Discutindo o conceito de gênero: o que pensa o educador dos anos iniciais do ensino fundamental?** In: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO – CONEDU, 1. 2014, Campina Grande. *Anais eletrônicos...* Campina Grande: AINPGP, 2014. Disponível em: <http://www.editorarealize.com.br/revistas/conedu/trabalhos/Modalidade_1datahora_08_08_2014_17_00_17_idinscrito_1428_b846f4daae286d4b86de629bb634b1e2.pdf>. Acesso em: 15 nov. 2015.